

MULHER PROTESTANTE: MULHER, MÃE E TRABALHADORA

José Rômulo de Magalhães Filho*

RESUMO: Ao se analisar a relação entre homem e mulher na perspectiva histórico-social do protestantismo, encontrar-se-á uma história de relações de opressão. Quando se observa a sociedade judaica pré-cristã, percebe-se que a mulher não tinha valor enquanto pessoa. A exaltação da mulher nos escritos judaicos têm sempre um caráter opressor. A mulher é vista por esta cultura pré-cristã, sempre como um personagem coadjuvante, e que sempre depende de um homem para realizar sua missão. Surge então um problema: Como a mulher protestante do século XXI se vê no dia-a-dia, e como este legado do cristianismo histórico influencia nas sua prática como mulher, mãe e trabalhadora? Para discutir este problema foi feito um estudo de caso com dezenove mulheres protestantes, de uma comunidade da periferia de Salvador, ligadas uma denominação protestante histórica e calvinista, que responderam um questionário fechado, e foram observadas durante 30 dias. Observou-se então como esta mulher se comporta no seu cotidiano nestas três dimensões.

PALAVRAS-CHAVE: mulher, protestantismo, cotidianidade.

Introdução

Ao analisarmos o matrimônio na perspectiva social, vamos encontrar uma história de opressão nas relações entre gêneros. Quando se observa a sociedade judaica pré-cristã, percebe-se que a mulher não tinha valor enquanto pessoa, em uma relação econômica a mulher valia metade de um homem (Cf. com Levíticos XXVII, 1-4). A exaltação da mulher nos escritos judaicos têm sempre um caráter opressor. Elas deviam ser mulheres virtuosas, trabalhadeiras, prontas para cuidar da casa, das propriedades, mas sempre sujeita a autoridade do seu marido. Ela é considerada pelo marido como mais preciosa do que finas jóias. Enquanto ela exerce as atividades domésticas o homem estar entre os demais se divertindo (Cf. com Provérbios XXXI, 10-31). A mulher é vista por esta cultura pré-cristã, sempre como um personagem coadjuvante, e que depende de um homem para realizar sua missão.

* Mestrando em Ciências da Família pela UCSAL, Licenciado em filosofia pela UFBA e Especialista em Filosofia e Existência pela UCB – Universidade Católica de Brasília.

Esta visão de mulher que o judaísmo deixou como legado, somado a visão grego-romana construiu o mito da esposa ideal, defendido e propagado pelos vários ramos do cristianismo. A mulher que cuida do marido e dos filhos, sempre alegre; que não desperdiça nada, e está sempre pronta para servir o marido quando for solicitada. O matrimônio passa a ser para esta mulher sinônimo de opressão e desilusão. É proposto, a essa mulher, uma relação matrimonial de mão única, onde ao marido cabe tomar as decisões, e a ela cuida de executá-las. Engels, comentando sobre a origem da família monogâmica, diz:

No período heróico a mulher aparece humilhada pelo predomínio do homem e pela concorrência das escravas. Basta ler, na Odisséia, o modo pelo qual Telêmaco rechaça duramente a mãe, impondo-lhe o silêncio. Em Homero, as mocinhas prisioneiras são destinadas ao prazer do vencedor; [...] A existência da escravidão ao lado da monogamia, a presença de jovens e belas prisioneiras que pertenciam de corpo e alma ao homem que as conquistou, constituem desde as origens o caráter específico da monogamia, que *só é monogamia para a mulher* e não para o homem. Esse caráter se conserva até hoje. (ENGELS, 1984, p. 75).

É a mulher sempre colocada num plano secundário que não a possibilita opinar, construir, é uma relação desproporcional. Ainda afirma Engels:

Porém, nesse caso, as coisas se colocam de tal modo que a mulher, se consagrar sua própria atividade ao serviço privado da família, permanece excluída do trabalho social e não pode ganhar; e se, ao contrário, quer tomar parte na indústria pública e ganhar seu próprio dinheiro, não está em condições de poder cumprir seus deveres em família. [...] A família individual moderna se baseia na escravidão doméstica, mais ou menos aberta, da mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são representadas precisamente pelas famílias individuais. (ENGELS, 1984, p.86).

Observa-se assim que uma certa opressão estava presente nesta relação entre homens e mulheres, tanto com a mulher como com as crianças eram subjugadas pelo homem: “Por outro lado, é bom frisar não eram só as mulheres que careciam de direitos, o mesmo se dava com relação às crianças. Estas não eram criadas no interesse delas próprias, mas para a satisfação dos pais, podendo-se afirmar que quase não eram reconhecidas como indivíduos” (GUIMARÃES, 2002, p. 57). Este é o modelo que foi homogêneo na cultura ocidental influenciada pelo pensamento judaico-cristão: O matrimônio é monogâmico, como diz Engels (1984) só para as mulheres; a autoridade masculina é representada na figura de *pai e marido*, que o faz *chefe de família*, o que já demonstra a relação opressora de poder; mesmo que a mulher exerça atividade produtiva remunerada, “ela não tem autoridade sobre o marido, seja nos plano das representações, seja no aspecto jurídico” (ROMANELLI, 2000, p. 83).

O protestantismo brasileiro e sua herança cultural

Esta cultura opressora da mulher foi absorvida pela reforma protestante, e de forma muito especial, pelo protestantismo latino-americano. Chegando de forma definitiva na América Latina em meados do século XIX, esta vertente do cristianismo se instala em meio a população de classe média (HAHN, 1989), e traz consigo o discurso liberal norte-americano, mas, recebe como influência todo uma cultura ibérica que estava impregnada na sociedade burguesa latino-americana.

È a partir desta construção de um protestantismo brasileiro, que surge o problema que se deseja discutir neste texto: Como a mulher protestante do século XXI se vê no dia-a-dia, e como este legado do cristianismo histórico influencia nas sua prática como mulher, mãe e trabalhadora?

Há alguns anos tem se discutido no meio protestante o papel da mulher, quer na sociedade civil, quer na vida eclesiástica. Estas discussões passam pelas funções que esta mulher desempenha. Uma discussão muito interessante surge no meio do protestantismo de tradição reformada¹, quando um grupo de feministas procura fazer uma reinterpretação das Escrituras pela ótica da mulher.

Mas as feministas asseveram que a manutenção da idéia de que os seres humanos não tem a capacidade para tomarem decisões livres está vinculada com as maneiras tradicionais de consideração do relacionamento macho-fêmea. Há muito tempo as mulheres são estereotipadas como fracas e passivas, com necessidade de alguém (algun homem) para protegê-las ou salvá-las. (CAMPBELL, 1998, p.377).

As primeiras comunidades protestantes brasileiras foram estabelecidas por missionários norte-americanos (HAHN, 1989), cabendo as suas esposas a função de cuidar da casa e de *evangelizar* as crianças e outras mulheres. As missionárias solteiras enviadas ao Brasil tinham a função específica de orientarem às moças, muitas delas lotadas em escolas-internatos protestantes, instalados no Brasil, com acesso restrito a uma classe média conservadora.

¹ Os protestantes de tradição calvinista, são chamados de reformados ou presbiterianos.

Desta prática religiosa, se constrói o modelo de mulher protestante brasileira. Mãe, doméstica, submissa e educadora religiosa. É um modelo muito comum numa igreja protestante de classe média. Que com o crescimento e estabelecimento de uma cultura dita evangélica, as comunidades que se estabeleceram na periferia das grandes cidades e no interior do Brasil, mantiveram este modelo, mesmo sendo a mulher, obrigada por circunstâncias econômico-sociais a romper com ele. Hoje em algumas comunidades encontra-se mulheres líderes de igrejas, associadas a sindicatos, associações de bairro etc. Mas no imaginário protestante brasileiro, o ideal de *mulher crente* ainda é o de mãe, e esposa submissa.

Observando o cotidiano da mulher protestante

O objetivo deste texto é mostrar como as mulheres protestantes de origem reformada, oriundas de um bairro periférico de uma capital brasileira se percebe como mulher, mãe e trabalhadora, e quais mudanças na sua condição de mulher estão acontecendo. Para isso foram observadas durante 30 dias, 19 mulheres, as quais responderam um questionário fechado onde deixam transparecer seus sentimentos e desejos. Observou-se como essas mulheres vêem seu casamento, sua condição de mãe, a relação com seus maridos, e se percebem como profissionais.

Do grupo observado 53% têm mais de 21 anos de vivência no protestantismo, 32% têm de 06 a 10 anos, e 5% têm de 1 a 5 anos, de 16 a 20 anos ou não responderam. Isso revela que 90% das mulheres freqüentam a igreja evangélica a mais de 06 anos. Destas 52% não são oriundas de igrejas evangélicas, isto é seus pais não eram protestantes. 74 % têm mais de 11 anos de casada, que somado aos 78% que estão no primeiro casamento, aponta para uma taxa de durabilidade relativamente alta entre os casamentos protestantes.

A mulher protestante não tem se casado tão cedo, apenas 5% se casam na adolescência, a maioria tem contraído núpcias durante sua juventude (53% casaram entre os 24 e 29 anos). Além disso, procuram casar com homens da mesma fé, pois 48 % casaram com crentes evangélicos, e apenas 5% não tem o marido na igreja, e nem acredita que ele venha a estar.

Quanto à escolaridade, um elemento chama à atenção nesta pesquisa, há um aumento na escolaridade das mulheres pesquisadas. O que é esperado se tratando de uma comunidade de protestantes reformados, que tem como um dos princípios básicos de seu culto a centralidade no estudo e pregação da Escritura, o que leva o crente reformado a uma reflexão mais racional da fé cristã (McKIM, 1998), exigindo dele um maior preparo intelectual. Das entrevistadas, 46% casaram com o ensino médio concluído, e hoje, depois de casadas são 52%. Caindo de 21% para 16% o número de mulheres com ensino médio incompleto, e aumentando de 0% para 11% o número de mulheres com o curso superior incompleto. Entretanto mesmo com um índice de escolaridade alto, observou-se que apenas 40% delas trabalham fora de casa. Destas 16% acreditam que seus maridos não gostam que elas exerçam atividades fora de casa, e 32% sentem-se mais independentes.

Ao falarem de si mesmas, o que se percebe é que ainda há muito receio de se expor. No item, *sua condição de mulher*, muitas se excluíram de responder as questões de cunho mais pessoal, o que também foi observado durante o convívio social com o grupo. Há um desejo, mas também uma barreira que as impedem de falar de questões íntimas. As mulheres pesquisadas revelaram-se mulheres sonhadoras, que casaram porque estavam envolvidas sentimentalmente pelos seus maridos, 84 % responderam que casaram porque estavam apaixonadas pelos seus maridos e já era o tempo, apenas 16% responderam que era a oportunidade de saírem de casa. Este último dado revela que ao quererem sair de casa, desejavam liberdade.

Esta atmosfera de romantismo que envolveu o casamento, tem se perdido durante o casamento. Apenas 47% revelaram que amam o marido hoje, mais do que amavam quando casaram, 21% revelaram que amam o companheiro apenas o suficiente para manterem o casamento e 22% tem mais respeito do que amor pelos esposos.

Falando sobre a divisão de papéis na relação a dois, 67% das entrevistadas acreditam que o papel do homem é de parceiro da mulher, quer ela trabalhe ou não. E 90% acreditam que o papel da mulher é ser parceira do homem, ele trabalhando ou não, entretanto 11% responderam que o marido nunca participa com ela das atividades domésticas e 55% responderam que às vezes eles participam.

Boa parte das entrevistadas têm um sentimento de amizade pelos seus maridos, 47% responderam que vêem seus maridos como amigos, 16% como seu pai ou dos seus filhos, e

apenas 21% percebem o marido como amante. Também elas se percebem mais como amigas (43%) do que como amantes (26%). Para estas perguntas houve um número alto de abstenções, 16% e 21%, não responderam, respectivamente como viam o marido e como se viam como esposa. Seguindo esta linha de questionamento foi perguntado qual o tipo de esposa ideal, 32% responderam que seria a amante e companheira, 31% a crente e companheira, 5% que seria a amante dona de casa, 5% a crente e mãe e 11% se absteve de responder. Ao se perguntar sobre o marido ideal, os números são semelhantes, 32% responderam que o marido ideal é o amante e companheiro, 21% crente e companheiro, 26% pai e trabalhador, 11% crente e trabalhador, 5% amante e trabalhador, e apenas 5% não quiseram responder.

Quando se tratou da questão traição, 89% afirmaram que nem o homem e nem a mulher nunca podem trair. Mas caso isso aconteça, 73% procuraria a ajuda da igreja para salvar seu casamento, e apenas 11% o perdoaria, e 5% abandonaria o lar. Já 41% afirma que nunca trairia o marido, 21%, caso o traísse contaria e pediria perdão, apenas 11% solicitaria a ajuda da igreja, 11% se absteve de responder e 11% abandonaria o lar, entendendo que não seria mais digna de permanecer em casa depois de cometer tal ato. Uma outra pergunta desta seção foi quanto a realização enquanto mulher, 36% afirma que é totalmente realizada, 32% respondeu que nunca será realizada no casamento, 16% está em busca, 5% não é totalmente realizada, e 11% não quiseram responder.

Ao responderem sobre a condição de mãe, 84% afirmaram que é uma bênção de Deus ser mãe, já 11% afirmou ser um prazer. Logo, 73% sempre desejaram ser mãe e apenas 5% nunca haviam pensado nesta possibilidade, 58% julga ter uma boa relação com os filhos, 32% uma excelente relação, e apenas 5% afirmam ter uma relação razoável com os filhos. Das 19 entrevistadas, 47% se julgam boa mãe, 37% uma excelente mãe, 11% não desejaram responder e 5% se consideram mães razoáveis.

Estes dados levam a perceber, que mesmo tendo as mulheres aumentado sua escolaridade, muitas continuando ou voltando a estudar depois de casadas, ainda assim não o número de mulheres trabalhando fora, além das atividades domésticas é baixo. Este número ainda mostra o porquê 11% dos maridos nunca ajudam nas tarefas domésticas, pois há uma percepção por parte dos homens que se as mulheres não trabalham, elas devem ocupar-se das tarefas domésticas, não cabendo a eles tal obrigação. Entretanto as mulheres

acreditam que homens e mulheres devem ser parceiros na vida conjugal, e isso inclui as tarefas domésticas.

Conclusão

Há um desejo de ver nos seus parceiros (maridos ideais) o companheirismo, como resultado de uma vida a dois, entretanto, uma realidade é apontada: o companheirismo sonhado virou amizade. O companheirismo desejado é um misto de: cumplicidade, que é percebido como uma parceria, e isso quer dizer andar juntos; de respeito, que é consideração, é reverência, é honra, e respeito na relação conjugal é promoção da dignidade e dos direitos do outro. De uma forma prática, o respeito esperado é valorização do outro, é o viver uma relação de confiança, permitindo que o outro confie nela e vice-versa. Além disso o companheirismo inclui amor (sentir-se como amantes). O fato de sentirem-se mais amigas do que amantes, revela um sentimento de frustração nestes relacionamentos, frustração esta apontada inclusive pela revelação que 21% amam seus companheiros apenas o *suficiente* para manter o casamento, e de 22% que têm mais respeito do que amor.

A mulher protestante revela-se conservadora, isto é percebido na afirmação de que nem o homem nem a mulher podem trair, e que se caso acontecesse, a igreja é o lugar para se buscar o apoio necessário pra se salvar o casamento, indicando que uma traição é uma ameaça ao relacionamento conjugal. Mantendo o conservadorismo, quase metade das mulheres observadas nunca trairiam o marido, esta certeza está firmada na sua convicção religiosa, bem como na sua cotidianidade, pois muitas vivem uma vida extremamente doméstica, não mantendo muitas relações de amizade fora do eixo casa-igreja.

E é esta vida cotidiana, que revela uma situação delicada: a certeza de 32% das mulheres pesquisadas de que nunca serão realizadas no casamento, se somadas a este número as 11% que não se abstiveram de responder, as 16% que estão ainda em busca e as 5% que não são totalmente realizadas, temos um número de 64% de mulheres não realizadas em sua condição de mulher. A maioria só se sente realizada como mãe, o que está ligado ao fato de serem mães porque Deus quis, afinal de contas ser mãe é para elas uma bênção.

A mulher protestante do século XXI tem tido uma necessidade de aumentar seus conhecimentos, o que vai passar necessariamente pelo aumento da escolaridade. E o que se observou é que esta busca por conhecimento se dá independente de estar ou não casada. Esta mulher tem se casado cada vez mais madura, e isso está aliado a saída desta mulher para o mercado de trabalho. Mesmo que se tenha observado um número grande de mulheres sem trabalhar fora, percebe-se um desejo para logo voltarem a trabalhar, ou arranjam o primeiro emprego. Esta mulher tem buscado se valorizar, não aceitando ser agredida pelo seu marido. Tem desejos, pois afirmam o marido ideal é amante. Tem procurado ser uma boa mãe, e acredita que as pessoas também a vejam assim, uma mãe conciliadora, que mantém uma relação de confiança com seus filhos e que procura dividir com o seu marido a autoridade do lar.

Esta mulher, está ainda longe daquela mulher livre e independente proposta pelo feminismo do início da década de 70, no final do século XX. A mulher protestante ainda é submissa, doméstica, e sonhadora. E é sua condição de sonhadora que a faz caminhar, sair em busca de relacionamentos onde haja cumplicidade, onde ela possa desenvolver todo seu potencial intelectual, onde ela mostre que ser amante não é ser vulgar, mas sim ser autêntica, pois demonstra seus desejos e sentimentos.

Ela ainda sofre com o estigma de uma sociedade cristã, burguesa e machista, que com medo de se sentir órfã com a perda daquela que é o motor da sociedade, usa de todos os meios para perpetuar esta condição de submissão da mulher. Mas este sofrimento está com os dias contados, pois esta mulher está se conscientizando que ela é peça fundamental na construção de uma sociedade igualitária, e que seu papel não é de dominada, mas de parceira, de autora, junto com os homens da história da humanidade.

Referencias:

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: SSB, 1993.

CAMPBELL, Cyntia M. As teologias feministas e a tradição reformada. In: McKIM, Donald (editor). **Grandes temas da tradição reformada**. São Paulo: Pendão Real, 1998. p. 372-378.

ENGELS, Friedrich. A Família monogâmica. In: CANEVACCI, Massimo (org.). **Dialética da família**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.71-87.

GUIMARÃES, Elias Lins. Família e a dinâmica da socialização. **Veritati**. Salvador, ano II, n. 2, p. 55 – 64, julho 2002.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. Tradução de Antônio Gouvêa de Mendonça. São Paulo: ASTE, 1989.

McKIM., Lindajo H. Reflexões a respeito da liturgia e do culto na tradição reformada. In: McKIM, Donald (editor). **Grandes temas da tradição reformada**. São Paulo: Pendão Real, 1998. p. 266-271

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A família contemporânea em debate**. 3. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 73-88.